EDITORIAL

FAZER E INTERPRETAR: ARTES E O POTENCIAL DE TRANSFORMAR

Escritas e audiovisualidades são artes que carecem de outra arte, que é a interpretação. Tanto uma como as outras se tornam mais dinâmicas no evento da recepção. O (re) encontro de si mesmo(a), a confirmação ou o questionamento de (pre)conceitos, as reflexões desencadeadas, o desconforto, a não-aceitação, a busca de argumentos outros, a satisfação, a vontade de continuar a pesquisa são algumas expressões dessa dinâmica.

Estas artes estão presentes nessa Fragmentos de Cultura, seja na abordagem de textos sagrados e da iconografia paleocristã, seja na apresentação e análise de experiências sócio-culturais e processos educativos e formativos hodiernos. O resultado, sempre parcial e em construção, está apresentado em forma de artigos. Estes foram aqui organizados em duas partes. A primeira acolhe, organiza e reúne parte de pesquisas realizadas no campo dos textos sagrados, suas tradições e interpretações, estendendo-se às influências nas relações sócio-culturais do passado e do presente. A segunda parte acolhe, reúne e organiza textos relativos a pesquisas realizadas no campo da história, da literatura e da educação e suas expressões em vários níveis de relações.

Cada artigo, por meio de seus autores e autoras, utiliza referenciais e metodologias apropriadas a seu campo de estudo, seus temas e objetos. Com isso, contribuem não só com a diversidade das abordagens, mas com a própria elaboração reflexivo-crítica do mundo plural em que vivemos e no qual somos chamados a ser e fazer. Portanto, também essa Fragmentos de Cultura reflete pluralidades que podem dialogar, e para isso são convocadas, a fim de prestar melhores e mais efetivos serviços à educação que esteja a serviço da vida multifacetária. Esta é uma das características basilares da interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade vem acompanhada pela representatividade dos autores e autoras dos artigos. Na área educativo-institucional fazem-se representar universidades públicas, comunitárias e privadas, em nível local, regional, nacional e internacional, como demonstram os créditos autorais. Essa representatividade é mais um motivo que nos alegra, ao chegarmos à composição final desse número, que atua, assim, como significativo veículo de intercâmbio de experiências de produtividade intelectual, com repercussão que pretendemos igualmente significativa.

Abrimos este número de Fragmentos de Cultura com uma saudade: *in memoriam* de Rubem Alves, com o artigo de Wanderley Lima Moreira, que trata das interpretações do teólogo poeta do livro de Cantares ou Cântico dos Cânticos, tecendo considerações mais abrangentes sobre a sua obra, na ousadia de abordar eroticamente também os textos sagrados, colocando-a também em diálogo com outros(as) intérpretes.

Em meio a estruturas literárias e trajetórias narrativas, Leif Vaage faz a abertura do Evangelho segundo Marcos, buscando perceber e tecer elementos do rosto de Deus, que se manifesta em Jesus Cristo, Filho de Deus. Entre milagres e ensinos, o destaque do Evangelho e da interpretação é a narrativa da Paixão, a catástrofe em Jerusalém e o retorno à Galiléia: ali se poderá recomeçar, ressuscitar e reorganizar a vida em comunhão!

Contudo, em Jerusalém há vislumbres de gestos e cenas que chamam à reflexão e à transformação, como mostra a narrativa da viúva pobre, analisada por Carolina Bezerra de Souza. Sua abordagem narratológica evidencia aspectos muitas vezes despercebidos nas interpretações, em jogos e tramas de relações de poder e resistências. A análise apresenta possibilidades de mudança de relações sociais e de gênero.

Histórias de viúvas marcaram literaturas sagradas judaicas e cristãs. Adentrando o texto da viúva de Naim e seu filho falecido, Rubens Alves Costa apresenta aspectos e consequências de estruturas androcêntricas nas relações sociais presentes nos textos bíblicos, principalmente no que diz respeito às assimetrias reflexas na vida de mulheres e crianças. A libertação trazida por Jesus ao menino se estende à sua mãe e convida para a construção de relações igualitárias e justas.

Tais relações são anunciadas, antevistas e vividas na práxis libertadora de Jesus de Nazaré, que interpreta e radicaliza suas tradições religiosas sobre libertação, especificamente no perdão de dívidas. É Douglas Oliveira dos Santos que convida a perceber, nos jogos da tradução de textos sagrados, relações de poder que permeiam e sustentam interpretações. Nas intencionalidades na escrita, tradução e interpretação, essas relações são reproduzidas ou questionadas, encontrando-se presentes também na práxis interpretativa de Jesus.

De interpretação e de poder também trata o último artigo nessa sessão. Danilo Dourado Guerra adentra aspectos e realidades do Império Romano e da comunidade joanina num viés referencial de relações e construções teo-políticas. De um e de outro lado, o sistema teo-político é usado como elemento poderoso de legitimação de violência e de promoção de paz. O que está em jogo é a vida que clama por justiça!

Saindo do nível e das interpretações de textos sagrados, o artigo de Sílvia M.A. Siqueira convida a apreciar e interpretar visualidades da experiência histórica e religiosa cristã tardo antiga. Na arte das catacumbas, foca em retratos femininos e suas simbologias na iconografia cristã acerca da vida e da morte, tratando esta expressão artística como linguagem convencional, simbólica e imediatamente compreensível na arte de comunicar e interpretar.

Segue-se uma segunda parte que abarca situações hodiernas, tratando-as, mesmo não sendo texto ou imagem, também interpretativamente, como realidades inscritas na vida, na cultura, na arte, nos direitos e na ética.

Abre-se essa sessão com o artigo de Maricel Mena Lopes e Fidel Maurício Ramírez, que apresentam resultado de pesquisa de campo e bibliográfica acerca da violência sexual sofrida por mulheres, no contexto das lutas armadas na Colômbia. Na abordagem, a memória foi ativada por meio do recurso ao bibliodrama, buscando estrategicamente ressignificar a vida lesada. Imaginários religiosos na (re)construção da identidade estão presentes na experiência e na interpretação.

Na vida que se faz cada vez mais apressada, Terezinha Sueli de Jesus Rocha e Sérgio Rogério Azevedo Junqueira se ocupam com os desafios e desenvolvimentos tecnológicos do mundo virtual, real e cultural. Em pauta se coloca a comunidade educativa em busca de contribuições na construção de uma cidadania responsável e libertadora em função da vida com dignidade.

A arte literária e cinematrográfica faz parte desse mundo cultural educativo. Raphael Martins Ribeiro e Ewerton de Freitas Ignácio utilizam o conceito de fronteira e o exploram no contexto do cerrado goiano, para entender e apresentar realidades histórico-culturais no livro *Herança de Sangue*. Colocam-no em diálogo com elementos representativos do faroeste norte-americano, para perceber relações estéticas na literatura e nos filmes.

De filmes e educação também trata o artigo de Ademir Luiz da Silva, Lorena Borges Silva e Valdeir Cesário dos Santos. Eles apresentam dinâmicas e resultados da 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul, em 2014, da qual participaram por conta da disciplina Diversidade, Cidadania & Direitos, do Núcleo Comum da Universidade Estadual de Goiás. Com esta experiência, colocam-se a refletir sobre as possíveis potencialidades do audivisual como difusor de reflexões sobre Direitos Humanos na Formação Superior.

Poliene Soares dos Santos Bicalho aborda especificamente os direitos do reconhecimento legal e de fato do povo indígena Tapuia do Carretão, em Goiás. Com pesquisa de campo, bibliográfica e documental, apresenta dados e interpretações acerca de conflitos geopolíticos e culturais acerca da (pseudo)aceitação dos direitos indígenas. Os conflitos são marcados por questões de terra, etnicidade e várias expressões de *bullying* nas relações cotidianas.

Para emoldurar toda a produtividade intelectual desse número da Fragmentos de Cultura, escolhemos o artigo de Teresa Maria Leal de Assunção Martinho Toldy, que versa sobre o caráter político do cuidado. Trata-se de um projeto de construção societária e cidadã nos horizontes interativos universais e locais. Universalizar a perspectiva do cuidado indica e implica um apelo ético a cada pessoa, em todos os lugares e em todas as áreas de conhecimento e dimensões da vida.

Agradecemos a cada autor e autora que contribuiu para a realização desse número da revista. E a você que nos percebe por meio da leitura, desejamos bom proveito!

Goiânia, 21 de outubro de 2015.

Ivoni Richter Reimer